

Memória e Documentos

I ESCOLA INTERNACIONAL DE AUTOGESTÃO: CONQUISTAS, BALANÇO E PERSPECTIVAS¹

Henrique Tahan Novaes²
Flávio Chedid Henriques³
Bruna Oliveira Martins⁴

Este texto tem o objetivo de apresentar a estrutura e os principais debates da I Escola Internacional de Autogestão, realizada na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) entre os dias 19 e 23 de abril de 2023. A fim de aprofundar os debates ocorridos nos encontros realizados pela Rede “Economia dos/as Trabalhadores/as”, vivenciamos com trabalhadores de cooperativas, membros do poder público, estudantes e pesquisadores universitários dilemas do trabalho e pesquisa no campo da autogestão e tensionamentos existentes entre o mundo do trabalho e a academia, que tentaremos abordar neste ensaio.

Antecedentes

A 1a Escola Internacional de Autogestão (1aEIA) é um dos desdobramentos do VII Encontro “A Economia dos/as trabalhadores/as”, realizado na Escola Nacional

¹ Artigo recebido em 10/07/2023. Aprovado pelos editores em 24/08/2023. Publicado em 11/12/2023.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v21i46.59142>.

² Doutor em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo - Brasil e professor da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo - Brasil.

E-mail: hetanov@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5282506732444510>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5247-3684>.

³ Doutor em Planejamento e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Brasil, servidor do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (NIDES/UFRJ) - Brasil e professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social (PPGTDS). E-mail: flaviochedid@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4447356984170846>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7216-3429>.

⁴ Mestra em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo - Brasil. Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Assis, São Paulo - Brasil. E-mail: oliveira.martins@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3189679994488605>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3651-130X>.

Florestan Fernandes (ENFF) em Guararema, em outubro de 2019, poucos meses antes do mundo acabar.

Na época, ninguém imaginava que uma pandemia colossal iria assolar a humanidade. Tiramos no final do encontro, a realização da I Escola Internacional de Autogestão em abril de 2020, mas obviamente não pudemos realizá-la.

Depois de mais de três longos anos de espera, finalmente em abril de 2023 foi realizada a 1aEIA, tendo como principais organizadores os autores deste artigo. Também participaram da concepção da 1aEIA Andrés Ruggeri (argentino), principal mobilizador do encontro “A Economia das/os trabalhadoras/as”, Celia Pacheco Reyes (mexicana), Rafael Enciso (colombiano), Cláudio Nascimento (brasileiro) e Carlos Aulet (uruguaio), que participou de algumas reuniões preparatórias.

Aspectos históricos

Para não ir mais longe, desde a I Revolução Industrial os movimentos sociais (cartismo, socialismo utópico, comunismo) viram a necessidade de autoformação da classe trabalhadora, seja para reformar o sistema capitalista seja para revolucioná-lo. Praticamente todos os partidos de esquerda que surgiram na Era Moderna criaram suas escolas de formação, sendo a mais conhecida a Escola de Formação da Social Democracia Alemã.

Os sindicatos também cumpriram um papel fundamental na formação da classe trabalhadora, em geral imersa num ritmo de trabalho alucinante, que praticamente impossibilitava enxergar um palmo à frente da regulação da exploração do trabalho.

É na Revolução Russa que a temática da autoformação da classe trabalhadora ganha maior destaque. Ainda que a Revolução não tenha resultado na emancipação do trabalho, é digno de nota o trabalho de formação política levado a cabo por Lenin, Krupskaya, Lunatcharsky, dentre tantas e tantos outros, no período que vai de 1870-1917 para construir o que viria a ser a Revolução Russa.

Na América Latina, a questão da autoformação da classe trabalhadora nunca teve um papel de destaque, com honrosas exceções. Formação econômica colonial, baixa industrialização e iletramento da classe trabalhadora certamente contribuíram para um papel pouco estratégico da formação política.

A questão ganha maior complexidade se pensarmos a dificuldade dos sindicatos no “diálogo” com a classe trabalhadora mais arrebatada e pauperizada:

catadoras e catadores de materiais recicláveis, trabalhadoras e trabalhadores informais, sem carteira assinada. Se até os anos 1980 os sindicatos estavam “acostumados” a atender aos interesses da classe trabalhadora taylorista-fordista, especialmente no que se refere à regulação da exploração do trabalho ou de melhorias das condições salariais/de trabalho, a questão ganha maior complexidade com o avanço do regime de acumulação flexível, que levou boa parte da classe trabalhadora a ter que se virar para sobreviver.

No atual contexto de superexploração da classe trabalhadora, com avanço do capitalismo de plataforma e do processo de desindustrialização, unir sindicalistas, trabalhadores de fábricas recuperadas e do movimento de economia solidária, pesquisadores e membros do poder público em torno de um projeto de formação tendo como eixo a autogestão nos parece uma estratégia fundamental para pensar em uma economia voltada para a reprodução ampliada da vida, como sugere o pesquisador argentino José Luis Coraggio, e para o que estamos há mais de 15 anos chamando de Economia dos/as Trabalhadores/as.

A 1ª escola internacional de autogestão

O VII Encontro A Economia das/os trabalhadoras/as foi realizado na ENFF, especialmente por indicação de Henrique Tahan Novaes, que já mantinha um diálogo bastante ativo com a escola, pois é professor de alguns cursos e minicursos deste ou neste espaço.

A ENFF reúne as melhores condições para a realização de um curso intenso e internacional. Está próxima do Aeroporto de Guarulhos e do Rio de Janeiro, possui acomodações para muitas pessoas, para místicas, salas de aula adequadas, espaços culturais que permitem a confraternização e a educação estética das e dos participantes. Ademais, ao adotar a autogestão como metodologia, a ENFF convidou os participantes do evento a adentrarem no funcionamento da escola e integrarem o trabalho socialmente necessário (lavar pratos, limpar banheiros, cuidar dos jardins da escola, preparar as místicas) de forma voluntária.

A 1aEIA não foi pensada como um Seminário ou Congresso Internacional típico onde são chamadas pessoas ilustres para palestrar e as demais e os demais participantes ficam como uma plateia passiva. Ainda que nestes congressos tenha algum tipo de interação (hora das perguntas, hora do cafezinho, espaços de diálogo

no início ou no final das mesas), é muito comum que parcela significativa dos convidados de eventos acadêmicos tradicionais apenas participem de suas respectivas mesas.

Na 1aEIA, todos os participantes e as participantes das mesas do início da tarde ou final da tarde estavam no evento, durante todos os dias. Não foram trazidas personalidades que provavelmente ficariam apenas na sua mesa. Acreditamos que a atividade principal da IEIA foi o que chamamos de “Diálogo de saberes da produção associada”, espaços concebidos para uma ampla interação entre as/os participantes, com socialização de conhecimentos, sistematização de conhecimentos, troca de saberes e de experiências.

Para pensar as atividades de diálogo foram convidadas inicialmente Lia Tiriba, Maria Clara Bueno Fischer, Celia Reyes, Lais Fraga e Vanessa Sígolo, profissionais com vasta experiência no campo da educação popular. Seria, sobretudo nesse espaço, que a Escola deveria se distinguir de um congresso acadêmico. A ideia era partir do conhecimento acumulado dos trabalhadores associados para permitir o aprofundamento do debate sobre os problemas vivenciados no cotidiano da autogestão. Ao invés de ensinar sobre a autogestão, a proposta do evento era de acumular conhecimento a partir das práticas e promover debates em torno dos conflitos suscitados por elas.

Pela nossa experiência em outras atividades, já imaginávamos que duas tendências estariam mais ou menos presentes na 1aEIA, que gerariam conflitos abertos ou latentes. Na falta de melhores palavras, podemos chamar de “pragmatismo” e “filosofismo”.

Entendemos por pragmatismo uma tendência bastante comum na classe trabalhadora, especialmente no público da Economia Social e Solidária, que busca soluções imediatas para os graves problemas que enfrentam no seu cotidiano, especialmente os relacionados à sobrevivência econômica das unidades produtivas. Não desprezamos esta urgente e importante necessidade, mas muitas vezes elas são colocadas de uma forma imediatista e pragmática, como se as formações pudessem rapidamente transformar problemas em soluções, conhecimentos em mudanças concretas no minuto seguinte.

Entendemos por filosofismo uma outra tendência bastante comum na universidade, que desconecta teoria e prática, reflexão e ação, ou ação e reflexão, e

não está muito interessada em resolver problemas sociais, ou ao menos apontá-los. Não desprezamos a necessidade da teoria, ao contrário, sem teoria e sem um programa de transformação, é muito provável que iremos continuar “patinando” e “botando a mão na massa”, sem saber por que e como transformar a sociedade. Ainda neste texto pretendemos aprofundar essa discussão.

Estrutura do evento

Além das já referidas sessões de diálogos de saberes, a 1aEIA contou com atividades como Análise de Conjuntura, Mesas Redondas e apresentação de artigos e experiências, que aconteceu em quatro salas simultâneas. Por uma decisão tomada durante o evento, foi aberta uma nova sala para um diálogo mais direto com as experiências produtivas, dado que essa foi uma demanda clara que se apresentou durante o encontro.

A realização da 1aEIA na ENFF também nos levou a alguns ajustes, especialmente por ter sido feita no mês de abril. Tivemos que excluir algumas atividades para contemplar as ações do MST na ENFF em abril. O sábado foi repleto de atividades culturais e esportivas, além da mesa de sábado de manhã, fruto do planejamento da ENFF, aberta para a comunidade externa. As fotos do evento foram tiradas de forma voluntária pela participante Gabriela Moreira Ribeiro.

Optamos por manter equilíbrio entre homens e mulheres nas mesas e salas, além da participação de todos os países envolvidos (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Colômbia, México e Espanha). Seguindo essas diretrizes, chegamos no seguinte [cartaz de divulgação](#), com a programação inclusa:

19/04

12h - Chegada na ENFF

14h30 - Apresentação da escola (Rosana Fernandes)

15h30 - Apresentação da I Escola Internacional de Autogestão e apresentação das/dos participantes

17h - A luta pela autogestão: passado, presente e futuro do trabalho associado

Palestrantes: Cláudio Nascimento, Flávio Chedid Henriques (SOLTEC UFRJ), Lia Tiriba, Vanessa Sígolo, Selma Santos, Lais Fraga (UNICAMP) e Andrés Ruggeri (Facultad Abierta).

20/04

8h30 - Diálogos de saberes da produção associada

Sala 1: Coordenadoras - Celia Pacheco Reyes (UAMX), Nashelly Ocampo Figueroa, Ana Alicia Peña Lopez e Sofia de la Mora Campos

Sala 2: Coordenadoras - Lais Fraga (UNICAMP) e Vanessa Sígolo

Sala 3: Coordenadoras - Lia Tiriba e Maria Clara Fischer

14h - Desafios da autogestão na América Latina

Palestrantes: Rafael Enciso (Colômbia), Raul Huidobro, Celia Pacheco Reyes (UAMX), Rocio Herrera Rojas e Gáudia Costa

17h - Análise de Conjuntura

21/04

8h30 - Diálogos de saberes da produção associada

Sala 1: Coordenadoras - Celia Pacheco Reyes (UAMX), Nashelly Ocampo Figueroa, Ana Alicia Peña Lopez e Sofia de la Mora Campos

Sala 2: Coordenadoras - Lais Fraga (UNICAMP) e Vanessa Sígolo

Sala 3: Coordenadoras - Lia Tiriba e Maria Clara Fischer

14h - Apresentação dos resumos expandidos e experiências

Sala 1: Coordenadora - Fabiana Rodrigues (UNICAMP)

Sala 2: Coordenador - Rafael Enciso

Sala 3: Coordenador - Gabriel Nemirovsky

Sala 4: Coordenador - Flávio Chedid

17h - Socialização e síntese do diálogo de saberes da produção associada

18h30 - Encerramento e planejamento da 2ª Escola Internacional de Autogestão

20h30 - Confraternização

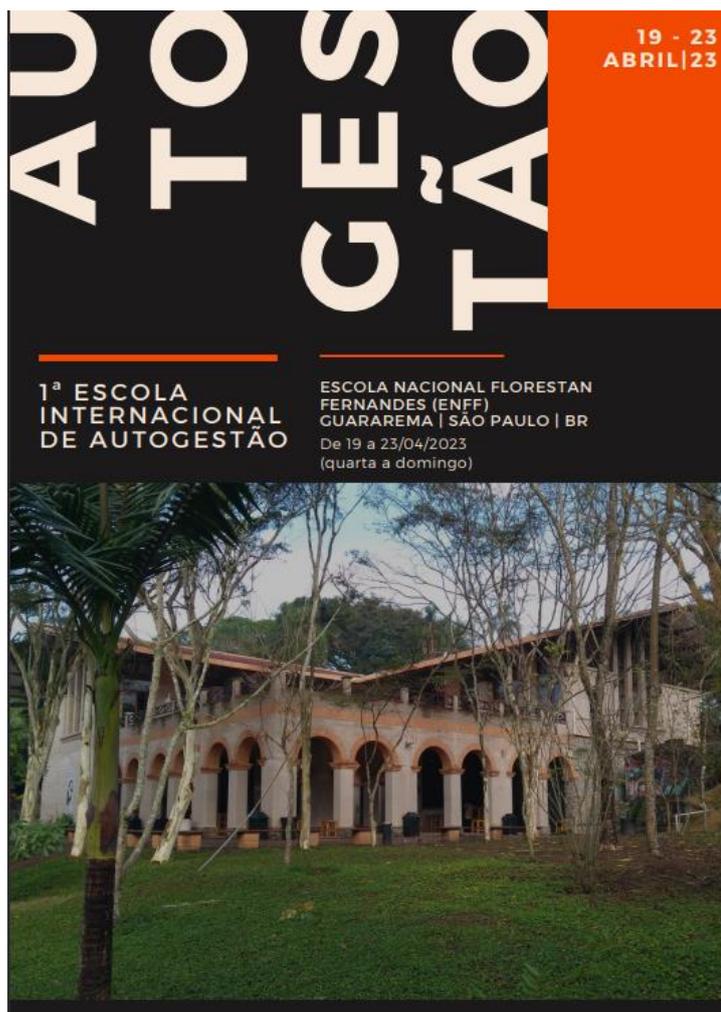
22/04

10h - O MST e a atualidade da reforma agrária

14h - Tarde cultural

23/04

10h-18h- Retorno das/dos participantes



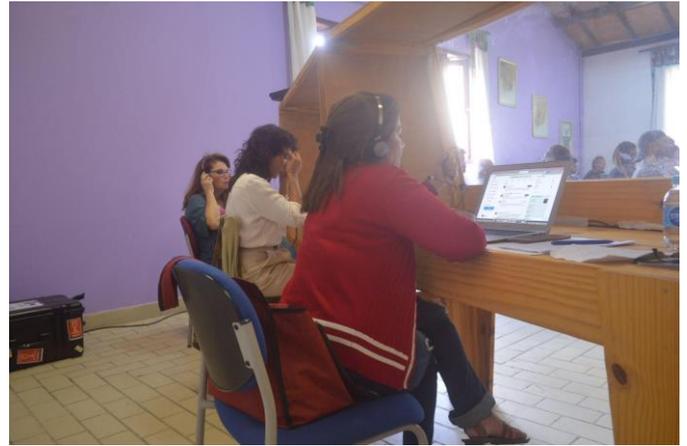
A equipe de organização do evento acompanhou a chegada dos participantes, recepcionando-os e orientando-os de acordo com as normas da escola. Após a acolhida, os participantes se direcionaram ao refeitório para almoçar e se preparar para a apresentação da ENFF, realizada pela coordenadora Rosana Fernandes e para a apresentação da 1aEIA. Rosana pôde contar sobre a história da escola, bem como seu funcionamento, regras, cursos que estavam acontecendo concomitantemente ao 1aEIA e algumas instruções.

Para a apresentação da 1aEIA, contamos com a participação da equipe de organização, além dos demais mobilizadores do encontro. Foi um momento de explicitar o histórico do evento e de conhecer as pessoas que iriam integrá-lo. Tendo em vista o horário e a ampla participação das pessoas, apenas algumas delas se apresentaram; entretanto, pudemos socializar ao decorrer das atividades, o que foi muito importante para a criação de um ambiente confortável e afetivo.

Na mesa intitulada “A luta pela autogestão: passado, presente e futuro do trabalho associado”, representantes de universidades, da luta sindical e do MST, Selma Santos, puderam realizar falas acerca de suas experiências, vivências, pesquisas e reflexões acerca do tema. O principal objetivo foi apresentar reflexões sobre experiências passadas de autogestão, relacioná-las com as iniciativas contemporâneas e apontar caminhos para um futuro desejado desse campo. Ao final da primeira mesa do evento, os participantes teceram comentários e levantaram questionamentos. Uma das contradições ali indagadas foi a composição da mesa, visto que a grande maioria dos/as palestrantes advinham do ambiente acadêmico.

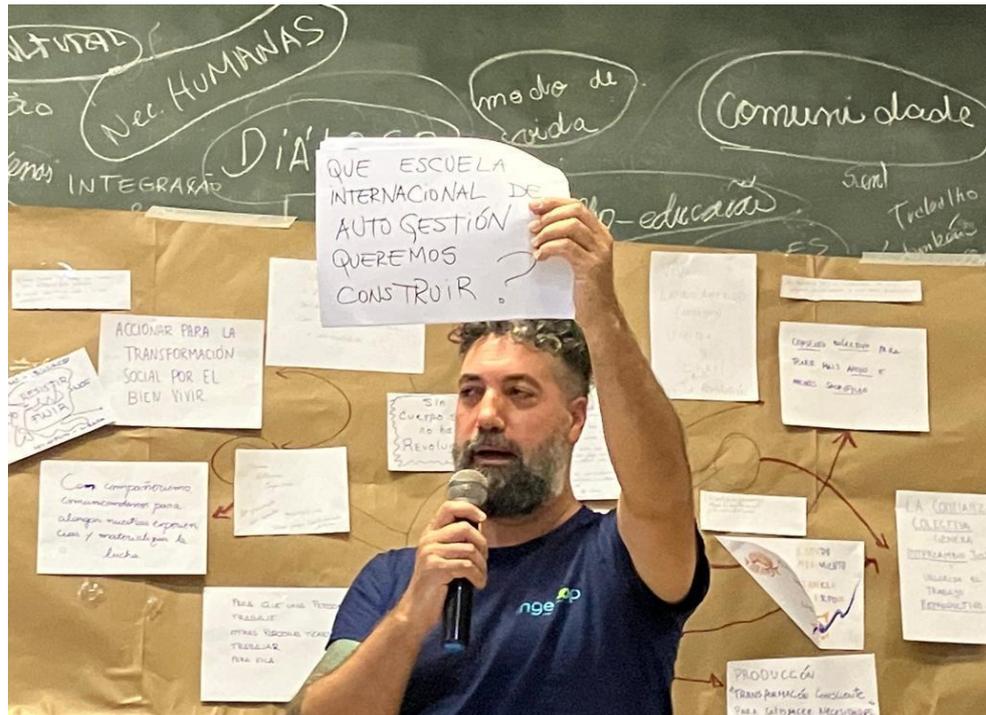


Em todas as mesas, o evento contou com a presença de três tradutoras, que realizavam a tradução simultânea do português para o espanhol e vice-versa. Meg Batalha, Patrícia Flores e Gabriela Severino foram fundamentais para a realização da Escola e desde antes de conseguirmos recursos (muito abaixo dos pagos pelo mercado), já tinham se disposto a ajudar pelo caráter militante do evento. Nos Diálogos de saberes da produção associada, espaços constituídos por grupos menores, divididos perante o interesse e a disponibilidade dos participantes, as tradutoras se dividiram para também auxiliar na compreensão e comunicação de todas e todos.



Ainda, nos espaços dos Diálogos de saberes da produção associada, a separação de grupos menores em 3 salas com diferentes atores de diversos segmentos e de países, pôde propiciar criações diversificadas, bem como formas de apresentar a realidade de cada participante e de cada organização ali presente. As coordenadoras das salas puderam, a partir de ideias de dinâmicas educativas, reunir as experiências, questionamentos e reflexões para pensarmos em uma segunda edição do evento. Os Diálogos foram realizados em duas manhãs e apresentados posteriormente em uma socialização e síntese.





As/os participantes utilizaram algumas ferramentas que auxiliam no compartilhamento dos saberes, como cartolinas, canetas coloridas, papéis ofício e pardo etc. A depender da sala, as/os participantes puderam escolher e criar a forma de trabalhar, o que gerou maior diversidade de criações.



Na mesa intitulada “Desafios da autogestão na América Latina”, as/os coordenadoras/es compartilharam suas experiências, de acordo com suas perspectivas teórico-metodológicas e com o seu contexto histórico e social, uma vez que elas/es falavam de países diferentes. Entretanto, alguns pontos traçados puderam se encontrar, o que auxiliou a reflexão da construção contínua da Escola Internacional. Nessa mesa, contamos com representantes dos seguintes países: Colômbia, na figura de Rafael Enciso; México, representado por Celia Pacheco Reyes; Argentina, que contou com a participação de Raul Huidobro; Chile, que teve uma mudança de última hora a pedido da palestrante Rocio Herrera Rojas, substituída por Diego Springfield; e Brasil, com participação de Gáudia Costa.

Apareceram questões relacionadas à autogestão particulares de cada país: alguns com forte representação de movimentos sociais, que representaram conquistas de políticas públicas, casos de Argentina e Brasil; no caso colombiano foi marcante a relação da autogestão com o longo conflito armado que vivencia o país; e no caso chileno, a ausência de políticas públicas, mas a forte presença de mobilizações sociais com ampla representação de trabalhadores de cooperativas ligadas à federação TRASOL.

Algumas experiências de recuperação de fábricas foram apresentadas, principalmente como se constituem e como conseguem sobreviver economicamente, muitas vezes em uma condição melhor do que quando eram comandadas por um

patrão, quando funcionavam com base na lógica capitalista. A forte presença de empresas recuperadas da Argentina foi um fato importante para trazer à tona debates práticos sobre suas dificuldades de produção e comercialização. A dificuldade que tivemos de dar sequência e continuidade a esse debate ainda será explorado em uma seção deste relato;

Na segunda mesa, ainda foram apresentados alguns desafios do campo da Economia Solidária, como: a implementação da lei do cooperativismo; a dificuldade das cooperativas de autogestão construírem o trabalho sem reproduzir relações capitalista; como os funcionários contratados, como por exemplo contadores, trabalham sem compreender o processo autogestionário para os associados; a importância da formação de uma consciência de classe das trabalhadoras e trabalhadores para a superação dos desafios e da interrelação entre os diferentes processos autogestionários e cooperativas etc.





Ainda no segundo dia, realizamos uma análise de conjuntura. A mesa foi composta por Daneris Alberto Herrera Mestra (Colômbia) e Henrique Tahan Novaes. Daneris abordou as experiências de produção associada colombianas e os desafios dos movimentos sociais colombianos. Henrique Tahan Novaes abordou a nova tentativa de redemocratização do país. Destacou a importância de termos derrotado Bolsonaro nas eleições de 2022, mas também mostrou os inúmeros limites do novo governo Lula. Além disso, fez um balanço da nova fase do imperialismo, as contradições dos governos populares e dos governos de direita na América Latina. Por último, destacou a necessidade de teorização de uma estratégia de transição, para além do capital, especialmente na América Latina, e especialmente envolvendo o trabalho associado. Como nessa mesa só tivemos dois participantes, a quantidade de perguntas e comentários sobre a conjuntura e sobre a economia das/os trabalhadoras/es foi maior que nas demais.

O encerramento e planejamento da 2ª Escola Internacional estava previsto para o último dia, no entanto, as/os integrantes decidiram realizar o processo após a socialização e discussão acerca dos Diálogos de saberes da produção associada, visto que algumas pessoas retornaram para casa antes do último dia de evento. Foram decididas algumas pautas, construções e o local da próxima edição do encontro “A Economia dos/as Trabalhadores/as, que acontecerá em Rosário entre os dias 28 e 30 de setembro de 2023.

A incorporação da programação da ENFF na 1aEIA, com a mesa intitulada “O MST e a atualidade da reforma agrária”, também protagonizou a classe trabalhadora e articulou os saberes às práticas. Esta mesa foi composta por diversas/os militantes do movimento, e, além das/os participantes da 1aEIA, outras pessoas de outros cursos que estavam acontecendo ao mesmo tempo na ENFF também participaram. Foi um momento de comemorar a história de luta do movimento, rumo aos seus 40 anos. A atividade é simbólica para quem participa, contando com as/os brigadistas, e para o MST, especialmente no ano de eleição do Lula, para debater a conjuntura atual da reforma agrária, bem como os próximos passos.



Na confraternização e na tarde cultural, as/os participantes puderam conhecer outras pessoas que estiveram em outros eventos e cursos na ENFF, organizaram times, jogaram futebol, assistiram a apresentação de samba e se deliciaram com a famosa feijoada da escola.



Apresentação dos resumos expandidos

A 1ª EIA foi pensada prioritariamente para produtoras e produtores associados, mas também para assessores/as e educadores populares. Com isso, abrimos um espaço para a apresentação de resumos expandidos, especialmente por parte de graduandos/as, mestrandos/as, doutorandos/as e professores doutores.

Foram apresentados 17 resumos expandidos, em três salas concomitantes. Segue abaixo a relação de resumos apresentados, que podem ser acessados por meio do link do [drive](#):

<p><i>Sala 1</i> Coordenadora: Fabiana Rodrigues</p>	<p>Incop Unesp Assis e COOCASSIS: a relação entre universidade e trabalho cooperado (Bruna Oliveira Martins); Ensaio sobre a complementaridade do trabalho associado e da formação política para o avanço do processo de consciência de classe (Theo Martins Lubliner); Educação e autogestão em Florestan Fernandes: propostas na Constituinte de 1987-1988 (Julio Hideyshi Okumura); EIV SC- reflexões sobre coletividade e auto organização (Valdirene Soares Machado); A autogestão na escola e os processos pedagógicos no Curso Pós-médio em Cooperação e Agroecologia (Rogerio Gomes); O Trabalho Socialmente Necessário de Marx a Pistrak e Shulgin: considerações sobre a essência social do trabalho (Poliana Garcia Temístocles Ferreira e Sandra Luciana Dalmagro) e Diálogos Universidade e MST: a construção das cirandas com os Sem-Terrinhas do Acampamento Marielle Vive (Fabiana De Cassia Rodrigues, Maina Maria Fernandes, Júlia Pacheco e Zan, Marília Fonseca Del Passo, Luana Leite Bacci e Caroline Zimmermann Belaunde, Isabella Claro Tegon e Pâmela Pimenta Machado).</p>
<p><i>Sala 2</i> Coordenador: Rafael Enciso</p>	<p>Autogestão: teoria e prática - Práxis pedagógica na formação para a autonomia (Rildo José Simões Santos e Wiliane Viriato Rolim); Propuestas educativo-pedagógicas para el fortalecimiento de la economía social solidaria (Manuel Ramirez Casillas); Condición laboral y de vida de las mujeres migrantes mexicanas, experiencias de resistencia y autoorganización como respuesta frente a la superexplotación del trabajo y las violencias cotidianas (Ana Alicia Peña López, Nashelly Ocampo Figueroa e Ana Alicia Peña López); Organização autogestionada dos/as entregadores de aplicativos no Brasil: antíteses em competição (Katiuscia Galhera e Rebecca Ruiz); Por uma economia do sentido: redes, negócios comunitários e desenvolvimento local (Gustavo Cerqueira e Ricardo Lopes Correia) e Experiências Mexicanas: mulheres en lucha (Tabita Valadez e Yolanda Millán).</p>
<p><i>Sala 3</i> Coordenador: Gabriel Nemirovsky</p>	<p>As retomadas Guarani e Kaiowá como formas insurrecionais e multidimensionais de autogestão (Felipe Mattos Johnson); Del discurso hegemónico a la práctica cotidiana. Un desafío en la gestión dentro de los colectivos autogestionados (Mariano German Mariani); La experiencia Federativa de TRASOL: Cooperativismo y Autogestión, entre el estado neoliberal y el territorio popular (Rocio Herrera Rojas); Los desafíos para el cooperativismo realizados por trabajadores de la autogestión y la economía popular en el contexto neoliberal chileno (Rocio Herrera Rojas); "Ocupar, resistir e produzir" em comum: memória e luta operária da fábrica ocupada Flaskô (2003-2018) (Abner Luiz Da Costa Ribeiro); Para Além do Controle Operário? A experiências das ERTs Argentinas no século XXI (Gabriel Gualhanone Nemirovsky e Henrique Tahan Novaes); Autogestão e o legado marxista (Jair Pinheiro); Red Genera (Florencia Escobar); Kincha (Diego Springfield e Ivan Barrios) e Cocrear (José Ignacio).</p>
<p><i>Sala 4</i> Coordenador: Flávio Chedid</p>	<p>Aportes desde la Educación Popular Feminista para abordar la participación de las mujeres en la lucha por la recuperación de la fábrica textil CUPS (Luciana Andrea Navarro); Cooperativa de la Paloma (José Tessa); Fasacot (Raul Huidobro); CGT y Cooperativa de Trabajo de ARTIEDA (Victor Iguacel); Ingecoop (Mariano German Mariani); Nimbo (Ramon Ayala); Escuela Cooperativa Mundo Nuevo (Melina Merquier); Cooperativas Noticias de Ayer (Cami Comisso); Cooperativa Resguardar Reciclado (Daniel Salomon Patricelli); La Base (Frederico Giorgi); Industrial Frigorífice (Federico José Sotella, Adriana, Raul e Daniel Coman) e Mundukide e Armazéns do Campo (Natxo Devicente).</p>

Como já dissemos, foi criada uma 4ª sala, especialmente para promover o diálogo de saberes entre produtoras e produtores associados. O impacto dessa sala no evento ainda será abordado neste relato. Foram apresentadas experiências da Argentina, Uruguai e Espanha/Brasil. No caso argentino, cooperativas organizadas em rede do setor frigorífico apresentaram como foram os processos de recuperação das empresas e os dilemas que vivenciam no campo da produção e comercialização. Foi apresentada a Federação que os representa (FASACOT) e quatro experiências de cooperativas, entre elas a cooperativa INIMBO. Ainda houve a apresentação de uma cooperativa de engenheiros (Ingecoop), de uma fábrica têxtil (CUPS), de uma escola cooperativa (Mundo Nuevo), de uma instituição de fomento de cooperativas (LA BASE) e de um jornal cooperativo (Noticias de Ayer), todos argentinos; do Uruguai foi apresentada a cooperativa de reciclagem La Paloma; e a experiência espanhola, que é conduzida no Brasil, se refere ao grupo Mondragón, com o projeto Mundukide, que apoia a organização dos Armazéns do Campo vinculados ao MST. Ainda da Espanha, foi apresentada a experiência da Cooperativa Artieda, ligada à Confederação Geral de Trabalhadores (CGT).

Balanco das atividades e análise crítica

Talvez seja possível afirmar que no balanço geral dos participantes, tenha predominado os assessores/formadores. Com exceção da delegação argentina, onde estiveram presentes um número expressivo de trabalhadores associados.

De qualquer forma, é importante notar que não é tão simples sair de casa ou deixar o trabalho para participar de atividades formativas. Mesmo com o nosso esforço para tentar trazer pessoas das cooperativas da grande São Paulo, isso não se concretizou. A urgência da produção e a urgência da sobrevivência econômica se faz presente nesta realidade. Por sua vez, as atividades formativas podem ser vistas como “exóticas” ou “desnecessárias”.

Realizar um encontro internacional depois do fim do mundo não é pouco, especialmente para todas e todos nós que estávamos acostumados a realizar atividades formativas com uma certa frequência.

Nesse sentido, rever amigas e amigos de quase todas as partes da América Latina, rever colegas e conhecer pessoas que possuem um sentimento anticapitalista foi muito importante para todos nós. Isso renovou nossa alma e deu combustível

importante para começarmos a luta no processo de reconstrução da democracia no Brasil e de reforço dos laços com a América Latina.

Reestabelecer o diálogo entre trabalhadores da educação e trabalhadores associados, ou ao menos tentar estabelecer este difícil e complexo diálogo cotidiano entre nós, também foi muito importante.

Ressaltamos que os sindicatos latinoamericanos ainda não sabem o que fazer e como fazer com essa nova classe trabalhadora lumpenizada, empobrecida e sem direitos trabalhistas. Nós também não sabemos, mas estamos tentando criar espaços formativos que permitam a este público encontrar soluções criativas para os graves problemas da classe trabalhadora latinoamericana.

Ainda que baseado em soluções de baixa escala e que nem sequer triscam nas altas taxas de informalidade, acreditamos no enorme potencial do trabalho associado ou da produção associada. Não acreditamos no empreendedorismo como a solução para os problemas criados pelo capitalismo, não acreditamos que o cooperativismo e o associativismo devem servir para mitigar as taxas de desemprego sem abalar as estruturas da reprodução capitalista. A autogestão deve se tornar parte da vida da classe trabalhadora, seja nos bairros, nas cidades e nos países. Retomar o controle da vida e o sentido da vida dentro e fora do trabalho nos parece fundamental e para isso acreditamos que uma Escola de Autogestão, com formação permanente, seja importante.

Como já adiantamos, esse primeiro intento de criar uma espaço internacional de formação de autogestão não aconteceu sem tensionamentos. As distintas realidades pediam diferentes abordagens e sem um primeiro encontro para tentar entender esses conflitos, era muito difícil planejar os espaços formativos. Pensamos nas sessões de diálogos de saberes como espaços de aprofundamento dessas demandas, que dificilmente poderiam ser abordadas no mesmo evento.

Em um relato aprofundado sobre a Escola e seus desdobramentos, Raul Huidobro, conhecido como “El Vasco” e representante da federação das empresas recuperadas do setor frigorífico da Argentina (FASACOT), expôs importantes questões que devem ser motivos de reflexões para organização da 2aEIA. Em suas palavras:

También, hubo talleres donde se debatió con la metodología de la Educación Popular. Metodología con la cual no se pudo hacer un abordaje mejor de la producción y comercialización social fabril y si se

aportó ideas y perspectivas que apuntaban a transformaciones de fondo en el universo de la autogestión. Por eso abordaremos como sector de obreros autogestionados sin patrón nuestra visión, tratando de aportar algo (HUIDOBRO, 2023, p. 3).

Raúl parte do princípio que faltou na Escola dois pontos: a) fazer uma análise de conjuntura mais ampla, que para ele é o declínio da hegemonia norteamericana e as novas configurações da economia internacional b) debater aprofundadamente as questões da produção e comercialização autogestionada

Sobre esse segundo ponto, ele desenvolve uma análise da produção de carnes, falando dos elementos do toyotismo nesse setor e sugere alterações para a produção autogestionada. No fim, fala de uma aliança com todo setor alimentício e que deveriam se unir para debater a soberania alimentar.

De fato, não tivemos espaços onde ele pudesse ter exposto as alterações na produção que estão fazendo em suas fábricas. Não foi possível entender os impactos que conseguiram com isso, tampouco analisar conjuntamente novas possíveis alterações. Dificilmente com 4 dias de evento, sendo o quarto destinado para conhecer a luta do MST, conseguiríamos alterar esse quadro, mas avaliamos, após as críticas recebidas, que a quarta sala descrita acima, em que experiências de produção associada foram apresentadas, deveria abrir o evento, o que talvez estimularia que detalhes mais específicos de cada empresa pudessem ser discutidos ao longo dos dias, mesmo que fosse nas conversas informais, durante as atividades culturais etc.

Decidimos começar o evento com uma discussão entre o passado, presente e futuro da autogestão. Ao contrário do que foi dito, não era uma mesa composta apenas por acadêmicos ou ao menos não eram todos de origem acadêmica. Militantes de movimentos sociais, como o MST, representada por Selma Santos, educadores populares, com longa estrada na luta pela democracia no Brasil, como Cláudio Nascimento, estavam nessa mesa como experiência viva da autogestão. Entretanto, talvez não tenhamos conseguido, enquanto organização, direcionar o debate para que as questões práticas ganhassem protagonismo desde então. Não fomos capazes de romper a dicotomia falada no início deste relato entre o pragmatismo e o filosofismo.

Na nossa concepção, muito inspirados no debate da Tecnologia Social, não temos ainda as ferramentas necessárias para auxiliar a produção e comercialização das cooperativas dentro de uma proposta autogestionária. As ferramentas que

possuímos foram produzidas pela e para a indústria capitalista, reforçando a precarização e exploração do trabalho. Não significa, entretanto, que não devemos discutir essas questões e ao lermos o texto de Raúl (El Vasco) percebemos que faltou espaço para que eles pudessem trazer suas experiências, que buscam encontrar soluções na organização do trabalho da indústria frigorífica frente ao processo de toyotização deste setor. Até porque as novas ferramentas, pensadas a partir do debate teórico da Tecnologia Social, não serão inventos de pesquisadores iluminados, mas sim, acúmulo de práticas dos produtores associados, como essas relatadas.

Esperamos, portanto, que o espaço de Diálogo de Saberes das próximas Escolas possa dar conta de aprofundar essas questões, que pode ser facilitada se abirmos o evento com melhor apresentação das experiências autogestionárias presentes. Acreditamos, entretanto, que as salas de Diálogo de Saberes da 1aEIA buscaram avançar em um tema muito importante para chegarmos nesse ponto. Ao reconhecermos que ainda não temos ferramentas apropriadas para “produzirmos” autogestão, ou melhor, para ajudarmos a produzir reforçando as vantagens da autogestão, tentamos trabalhar no sentido de coletivamente reconhecermos a necessidade de uma Pedagogia da Autogestão. Lia Tiriba e Cláudio Nascimento, que incansavelmente, nos atentam para esse fato, estiveram presentes nessas salas (Lia no papel de coordenadora) e acreditamos que tenha sido muito importante partirmos desse acúmulo para a construção de uma Escola Permanente de Autogestão. Sem uma pedagogia específica e uma tecnologia voltada para autogestão não conseguiremos fazer mais do que reproduzir o modelo hegemônico.

Vivemos tempos de luta, e nessas lutas a produção associada pode educar a classe trabalhadora para o novo, para soluções anticapitalistas, para soluções que, ainda que exóticas e pouco representativas na fase atual do capitalismo, podem sinalizar que outra sociedade é possível e urgentemente necessária. Nesses quatro dias na Escola Nacional Florestan Fernandes, o coletivo representado na foto abaixo, ousou sonhar em um amplo processo de formação da classe trabalhadora, tendo como base a Autogestão. Seguiremos o debate no IX Encontro Economia os/as Trabalhadores/as em Rosário.



Referências

HUIDOBRO, Raúl Oscar Ruiz. **Desafíos de la autogestión en América Latina.** Documento de Formação e Debate da Federação de la Alimentación “Solidaridad y Autogestión” de Cooperativas de Trabajo, 2023.